

Na Ponta do Lápis

ano XIII – número 30
 dezembro de 2017

conversa afiada
escrever não escreve com rima
conhecimento
participação
em busca da palavra perfeita
O Saber
através olhares
cordel
poesia
prosa
o poder a palavra tem
Ministros literários
Cartas
professor-ator
caminhos da escrita
o despertar da participação de novos olhares
governar
criança
mes que acatam
leitura
o autor
saber
complementar
suba
cidadania
contra o preconceito
ser
caminho
nascer na aula
depois
professor autor
carta aberta
resposta
o ser
literária
valorizando saberes
ensaios da escrita
literatura
gênero
escrevem-te estas
com trabalhos lúdicos
potencial de transformação social da escrita



**Palavras
 abrem
 caminhos**

Distribuição gratuita

Professores e alunos desvelam o potencial de transformação social da escrita

Na Ponta do Lápis

ano XIII • número 30 • dezembro de 2017

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação

Dianne Cristine Rodrigues de Melo – Itaú Social
Maria Aparecida Laginestra – Cenpec

Texto e edição

Esdras Soares
José Victor Nunes Mariano

Revisão

Rosania Mazzuchelli

Edição de arte

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações

Criss de Paulo

Editoração

AGWM Editora e Produções Editoriais

Contato com a redação

Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010

Telefone: 0800-7719310

e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br

www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



Ministério da
Educação

Sumário

4

Editorial

Mais que nunca
é preciso escrever

6

Entrevista

RAQUEL TRINDADE

Uma vida
dedicada à arte

“Não procure palavras gloriosas. Maquiagens pesadas. Botox nas frases. Bom é verbo velho. Enrugado. O peso exato de cada parágrafo. Nem mais nem menos. Fique longe, sempre digo, de qualquer sentimento. Releia, agorinha, aquele seu conto. Ponto por ponto. Se, aqui e ali, você parar a leitura para suspirar. Jogue fora o suspiro. Tudo que for adjetivo elevado. Enganoso. Xô, ao lixo! Não presta para a poesia o que é cerimonioso. Solene [...]”.

Marcelino Freire.

“Não escreva bonito”, in: *Ossos do Ofídio*, 28/5/2012. Disponível em <<https://marcelinofreire.wordpress.com/2012/05/28/nao-escreva-bonito>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.

12

Reportagem

Reflexões sobre a prática: em verso e (muita) prosa

24

Página literária

ARMANDO FREITAS FILHO
Canetas emprestadas

36

Óculos de leitura

Como ler o que não está escrito

18

Tirando de letra

A escrita do professor-autor

26

De olho na prática

Da argumentação à cidadania

42

Indicações

Novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

Editorial

Mais que nunca é preciso escrever

Chegamos à 30ª edição da revista *Na Ponta do Lápis* e, neste número, compartilhamos com os leitores as atividades reflexivas e expositivas apresentadas no Seminário Nacional *Escrevendo o Futuro – Com a palavra, o professor-autor*. Corajosos, professores e professoras de vários lugares do país aceitaram o desafio proposto pelo Programa: desenvolver um projeto para o ensino da escrita, da leitura e da oralidade com seus alunos e escrever um relato de prática sobre essa experiência.

Esses docentes ocuparam o lugar de autores, pois escreveram e planejaram uma nova sequência didática, o que evidencia a apropriação dessa metodologia. Aventuram-se, antes mesmo de escolher o gênero textual que trabalhariam com suas turmas, a abrir o diálogo e a escuta no espaço escolar, constatando os anseios e as reivindicações. Perceberam que os alunos queriam escrever, mas de forma verdadeira, assim, o uso da palavra escrita ganhou sentido e aproximou-se do contexto sociocultural do lugar onde vivem, evidenciando a concepção da escrita como prática social.

Autorreflexivos e críticos em relação às propostas pedagógicas e ao próprio trabalho, os educadores compartilharam acertos, entraves, descobertas e aprendizagens, o que pode orientar e inspirar outros colegas, em situações semelhantes ou distintas.

Ainda neste número

Raquel Trindade, pintora, dançarina, coreógrafa e escritora, ao ser entrevistada recordou sua trajetória dedicada à arte e à cultura negra. Falou sobre a experiência de disseminação da cultura afro-brasileira pelo mundo e da relação com seu pai, o poeta Solano Trindade.



A reportagem “Reflexões sobre a prática: em verso e (muita) prosa” fotografa toda a intensa programação do Seminário – desde a apresentação dos saberes e fazeres inovadores dos professores em sala de aula até reflexões sobre cultura digital, batalha de poesia, passeios por caminhos literários, além de uma roda de conversa com especialistas em língua portuguesa sobre a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Pelas mãos do premiado escritor e agitador cultural Marcelino Freire, em sua palestra “Como ler o que não está escrito”, fomos instigados a ressignificar a leitura literária em sala de aula. O projeto “Da argumentação à cidadania”, desenvolvido pela professora Michele Mendes Rocha de Oliveira, traz a proposta, feita a suas turmas, da produção de uma carta oficial de solicitação para solucionar um problema de mobilidade do entorno da escola.

Em “A escrita do professor-autor” são apresentadas as sínteses dos dez projetos de escrita que foram desenvolvidos com alunos de escolas públicas, do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, e compartilhados no Seminário.

Há, ainda, o poema “Canetas emprestadas”, que, segundo o autor Armando Freitas Filho, nasceu de uma sugestão da também poeta Ana Martins Marques, quando ele lhe contou que em muitas ocasiões escreve na rua, o que o faz pedir canetas emprestadas ao jornaleiro, ao porteiro, ao garçom... Então, Ana lhe diz que ele deveria escrever sobre as canetas de todas essas pessoas – sugestão aceita por Armando.

Desejamos uma boa leitura!

Entrevista

Raquel Trindade

Uma vida dedicada à arte

Rodeada de suas pinturas, xilogravuras, desenhos e livros, Raquel Trindade Souza, a Kambinda, nos recebeu em sua casa no Embu, terra das artes. Ela é a filha mais velha do grande poeta negro Francisco Solano Trindade. Pintora, dançarina, coreógrafa, grande conhecedora da história e da cultura afro-brasileira, é considerada uma das maiores *griots* (guardiãs do conhecimento, que preservam a tradição e transmitem histórias e canções de seu povo) vivas, no Brasil. Fundadora do Teatro Popular Solano Trindade e da Nação Kambinda de Maracatu, sempre ministrou cursos e oficinas livres por todo o país, principalmente em Embu das Artes, município de São Paulo, onde segue enraizada.

Esdras Soares e
José Victor Nunes Mariano

■ **Solano Trindade, além de poeta, desenvolveu um intenso trabalho com artes plásticas, teatro e militância política. Você poderia nos contar um pouco sobre o início da sua carreira como artista plástica, escritora e pesquisadora de danças populares e como a sua produção artística se relaciona com a história de seu pai?**

Meu pai dizia que não ia deixar nada material, deixou uma herança cultural muito grande. Eu o acompanhava na militância política; primeiro, no movimento negro, que vem desde o meu nascimento, em 1936, em Recife, onde ele fundou a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-Brasileira. Depois, na nossa casa, em Duque de Caxias, município do Rio de Janeiro, eram feitas as reuniões da célula Tiradentes¹, com a presença de camponeses e operários da Baixada Fluminense.

Minha mãe me levava na escola dominical², onde aprendi do Gênesis ao Apocalipse, mas, na estante junto com a Bíblia, também tinha *O Capital*, de Karl Marx, porque meu pai era comunista. Minha mãe, apesar de evangélica presbiteriana, me ensinava danças folclóricas de todo o Brasil, ela dizia que na Bíblia se cantava, tocava e fazia poesia, então, desde mocinha, eu dançava, desenhava e ouvia música.

-
1. Após filiar-se ao Partido Comunista Brasileiro, Solano Trindade passa a promover reuniões do partido em sua residência.
 2. Entre os evangélicos, são comuns as reuniões matinais aos domingos, para evangelização e estudo da Bíblia.



Foto Prefeitura de Embu das Artes

“

Naiif significa “ingênuo”, e eu não sou ingênuo. Então, eu prefiro ser chamada de afro-brasileira, porque minha arte tem muito de África e tem muito de Brasil.

”

“

No Rio, meus pais vão para o Teatro Folclórico do Haroldo Costa para ensinar danças. Depois criam, junto com o etnólogo e pesquisador da cultura popular Edison Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro. Meu pai me levava para assistir ao balé afro de Mercedes Baptista, aos ensaios do Teatro Experimental do Negro, do Abdias do Nascimento, à Orquestra Afro-brasileira; mas dizia que eu precisava também conhecer a música ocidental, então me levava ao [Teatro] Municipal, ao meio-dia, para ouvir música clássica, ópera. Os dois tiveram uma influência muito grande na minha vida.

■ **Em algumas entrevistas, você diz que prefere nomear sua produção artística como afro-brasileira, recusando qualquer outro rótulo. Como a temática negra ou afro-brasileira se insere dentro de sua produção?**

Eu tive uma vivência muito forte na Baixada Fluminense. Na época tinha muito candomblé, samba de terreiro, de forró e de calango, que é música de Minas Gerais. Então, os costumes, a vivência do negro, as religiões, a cultura negra, os ensinamentos de meu pai e de minha mãe ficaram na minha

Eu consigo fazer muita coisa pela manhã, logo que acordo, é a melhor hora para criação, levanto e tenho tudo na cabeça, escrever, desenhar, às vezes as ideias até se atropelam.

”

cabeça. Quando eu digo que não quero ser chamada de *naïf*, nem de primitivo, é porque, primeiro, não acho que a arte negra é primitiva, tanto que Picasso se baseou nela para pintar, se ela fosse tão primitiva assim, ele não se basearia nela; segundo, porque *naïf* significa “ingênuo”, e eu não sou ingênuo. Então, acho que

prefiro ser chamada de afro-brasileira, porque minha arte tem muito de África e tem muito de Brasil.

■ **A família Solano Trindade foi um dos principais agentes de disseminação da cultura afro-brasileira pelo mundo. Como foi essa experiência?**

Mamãe nasceu na Paraíba, meu pai, minha irmã e eu nascemos em Recife. Fomos para Duque de Caxias, e em 1950, após a criação do Teatro Popular Brasileiro – cujo elenco era formado por operários, domésticas e estudantes e tinha como temática as manifestações culturais brasileiras, como o bumba meu boi, os caboclinhos, o coco e a capoeira –, fomos convidados para dançar no Leste Europeu. Quando chegamos em Praga, após uma longa viagem de navio, fomos recebidos com muitas flores, dançamos

O termo “arte *naïf*” aparece no vocabulário artístico, em geral, como sinônimo de arte ingênua, original e/ou instintiva, produzida por autodidatas que não têm formação culta no campo das artes. Nesse sentido, a expressão se confunde frequentemente com arte popular, arte primitiva e *art brut*, por tentar descrever modos expressivos autênticos, originários da subjetividade e da imaginação criadora de pessoas estranhas à tradição e ao sistema artístico. A pintura *naïf* se caracteriza pela ausência das técnicas usuais de representação (uso científico da perspectiva, formas convencionais de composição e de utilização das cores) e pela visão ingênua do mundo. As cores brilhantes e alegres – fora dos padrões usuais –, a simplificação dos elementos decorativos, o gosto pela descrição minuciosa, a visão idealizada da natureza e a presença de elementos do universo onírico são alguns dos traços considerados típicos dessa modalidade artística.

Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5357/arte-naif>>.



Foto Samantha Yabuta

em toda a República Tcheca, na Polônia Comunista, em Varsóvia, onde acontecia um festival da juventude. O público não coube no teatro, tivemos de dançar num estádio superlotado; foi uma experiência maravilhosa, vi danças do mundo inteiro.

O espetáculo, com trinta artistas negros, seguiu para São Paulo, e em Embu das Artes, estavam o Sakai, ceramista japonês; a Azteca, pintora mexicana; o Cássio M'Boy, um pintor caipira; o Assis, um negro mineiro que fazia escultura em madeira e em pedra sabão. O ceramista Sakai disse para o Assis: "Você precisa ter uma temática negra. Está chegando um negro em São Paulo, Solano Trindade, que conhece muito sobre cultura negra e seria bom que você conversasse com ele". Assis foi para São Paulo e convidou todo o grupo do Teatro Popular Brasileiro para conhecer o Embu. Naquele tempo só tinha o centrinho colonial, o resto era mata, rios e cachoeiras limpas. Meu pai falou: "Isso aqui é um oásis, eu vou ficar é aqui mesmo". Fomos todos para o barraco do Assis, dormíamos no chão, a dona Imaculada, mulher do Assis, nos recebeu muito bem. Ele negro, ela branca, a

criança toda do Assis, nós, mais os 30 negros, todos dormindo no barraco deles. Assis e papai começaram a fazer festas que duravam três dias e dançávamos para lemanjá ao redor da lagoa. Naquela época, se dava bastante atenção para as manifestações artísticas, fizemos muitos salões de arte e recebemos gente do mundo inteiro – os franceses, Marcel Marceau, mímico, e Edith Piaf, cantora; o poeta senegalês, Léopold Sédar Senghor, que conversou com papai no barraco do Assis. Ah, tem muita história, por exemplo, quando papai adoeceu, Elis Regina fez um show em homenagem a ele.

Eu sou fã do trabalho do meu pai e após sua morte, criei, em 1975, o Teatro Popular Solano Trindade; agora, são mais meus filhos e netos que estão cuidando do grupo, é preciso que a coisa continue.

■ **Você publicou alguns livros, incluindo uma trilogia sobre a história dos orixás. Conte-nos um pouco sobre seus livros e seu processo de criação?**

Quero fazer um monte de coisa de uma só vez: quero escrever, quero fazer xilogravura,

“

quero desenhar, quero pintar, quero dançar, o coração não deixa mais. Eu consigo fazer muita coisa pela manhã, logo que acordo, é a melhor hora para criação, levanto e tenho tudo na cabeça, escrever, desenhar, às vezes as ideias até se atropelam.

Coletei fotos e desenhos e escrevi no livro *Embu: de Aldeia de M'Boy a Terra das Artes* as lendas e a história da cidade. Também escrevi *Os Orixás e a natureza*, uma coleção com três volumes, que fala da ligação que os orixás têm com a natureza e o ser humano, porque não são santos, são energias da natureza. Agora, estou preparando, com meu neto, minha biografia – é tanta coisa que a gente não consegue sair da infância. Também escrevi para o livro *Mulheres negras contam sua história*, que foi prêmio federal, nele, falo da minha infância em Recife e da juventude no Rio. Tenho outro livro pronto, sobre a dança de

Acho que fui a primeira a criar as cotas, porque pedi à Unicamp para fazer um curso de extensão

”

origem banto, só falta a editora, o nome é *Urucungos, Puítas e Quijengues*, que é o mesmo nome que dei para o grupo que criei na Unicamp.

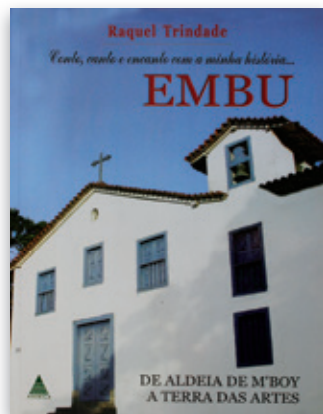
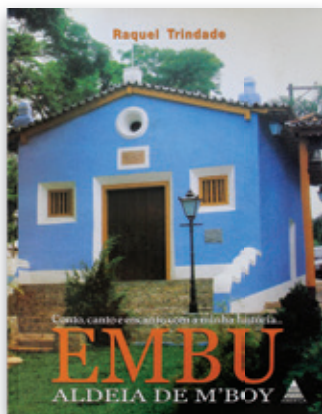
■ **Como as experiências na Unicamp e também como professora do Teatro Popular Solano Trindade**

influenciaram no seu processo artístico?

Acho que é o contrário. É a minha vivência indo para a academia. Porque as aulas foram o aprendizado do processo de vivência: do sincretismo religioso à experiência da dança, do canto, dos movimentos, da indumentária dentro dos candomblés e de outras danças que aprendi com minha mãe e com meu pai.

O Antonio Nóbrega me convidou para dar aula na Unicamp, foi quando percebi que na graduação só tinha um negro, acho que fui a primeira a criar as cotas, porque pedi à Unicamp para fazer um curso de extensão. Vieram os negros da comunidade de

Fotos Samantha Yabuta



Campinas, os funcionários negros da Unicamp e também japoneses e brancos de outras graduações. No final dos anos 1980, nesse curso de extensão, criei o grupo Urucungos, Puítas e Quijengues³, que são três instrumentos provenientes de Angola e que tiveram grande difusão no Brasil. O grupo vai fazer 30 anos e continua lá em Campinas. O grupo do Embu vai fazer 43 anos e mantém viva a trajetória artística e de resistência afro-brasileira.

■ **Solano Trindade sempre esteve vinculado ao movimento negro e com as principais discussões sobre as desigualdades sociais no Brasil. Como você enxerga a importância de seu pai para a cultura afro-brasileira e para a população negra?**

A importância de papai é muito grande, não só para o negro, porque ele tinha o cuidado de não atacar o branco. Ele dizia: “Nem todo branco é racista, tem uma grande

3. Berimbau, cuíca e tambor, respectivamente.

quantidade de racista, mas nem todos são. Alguns são muito progressistas e querem lutar junto com o negro”, quer dizer, ele não tinha ódio, ele se preocupava em dizer que somos iguais. Inclusive, depois de saber que a África é o berço da humanidade, fica difícil o branco ser racista, porque nós viemos de um tronco só, o *homo sapiens sapiens*. Então ele diz que é ignorância ser racista. Lutava a favor do negro, sabia da riqueza cultural do negro, do que tinha sido antes da colonização e como foi feita a escravidão.

■ **Como você e sua família continuaram esse legado deixado por Solano Trindade?**

Foi gostosa essa herança cultural. Meus três filhos – Vitor da Trindade, Regina Célia e Dadá – e meus netos falam que de tanto viverem no meio da arte fica difícil não se tornarem artistas. São três filhos envolvidos com literatura, música, dança, pintura e cinema; os netos, o rapper Zinho Trindade e o percussionista Manuel, todos muito talentosos.

Mais um tantinho de prosa poética

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

Solano Trindade



Foto Samantha Yabuta

Arte é... Vida.

Cultura afro-brasileira é... Vivência, que é todo dia.

Uma frase... “Pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte”, do meu pai, Solano Trindade.

Poema preferido de Solano Trindade... “Tem gente com fome”.

Uma dança... Maracatu do Recife.

Memória que te acompanha... Dos meus pais. Acompanham-me a vida inteira.

Episódio marcante da vida... Xi, são muitos. O nascimento dos filhos, três de sangue e um do coração, os netos, os bisnetos, os oito casamentos e os prêmios que recebi.

Reportagem

Reflexões sobre a prática: em *verso* e (muita) *prosa*

Camila Prado

Estratégias inovadoras em sala de aula, cultura digital, saberes locais, batalha de poesia, Base Nacional Comum Curricular, escritores que nos pegam pelas mãos e nos levam a passear pelas linhas da literatura... O que não faltou foi prosa, nem poesia, no “Seminário Nacional Escrevendo o Futuro – Com a palavra, o professor-autor”, que se realizou nos dias 3 e 4 de outubro de 2017. Dez professores, de várias regiões do Brasil, apresentaram seus projetos voltados para o desenvolvimento da escrita. Foram diversos, e até inusitados, os gêneros textuais trabalhados com alunos da 7ª série do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio. Cerca de duzentos profissionais que atuam no ensino de língua portuguesa – docentes de escolas públicas e de universidades, mediadores dos cursos *on-line*, colaboradores do Programa Escrevendo o Futuro, técnicos de secretarias de Educação, pesquisadores e profissionais de organizações do Terceiro Setor – estiveram ali para refletir sobre identidade, apropriação, empoderamento, inclusão e tantas outras forças da nossa língua-mãe. Haja inspiração!

“O professor é quem vem ao Seminário, mas traz junto uma escola inteira, uma secretaria inteira. Representamos professores do país todo, que fazem um trabalho brilhante. Então, minha emoção decorre disso.” Essa fala do professor José Gilson Lopes Franco, de Fortaleza, Ceará, nos dá a ideia de que as pessoas que ocuparam as cadeiras do auditório onde foi realizado o Seminário, na verdade, era uma multidão; ainda mais se levamos em conta as 1.500 pessoas, aproximadamente, que assistiram ao evento em tempo real, pela página da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, no Facebook.

Foi justamente sobre esta realidade – e virtualidade – que o professor doutor Marcelo El Khouri Buzato pensou em voz alta em sua

palestra “Conhecimento e autoria na cultura digital”: “Como nós, que trabalhamos com educação, navegamos nessa ‘pororoca?’”, provocou ele, referindo-se à revolução digital que impacta de forma inexorável o ensino da leitura e da escrita. Segundo ele, antes a narrativa era o “grande barato”, privilegiava a sequência, a lógica causal, quando alguma coisa ocorre na narrativa, você quer saber por que ocorreu, qual foi a causa. E agora, estamos migrando da lógica causal para a lógica associativa, em que, para a aquisição de conhecimento, não prevalece a dedução e o raciocínio hipotético-dedutivo, mas a correlação entre as coisas. Os textos estão sendo reconfigurados. “Agora é Google!”, resumiu Buzato, que frisou a importância de equalizar essas diferentes lógicas na educação e



José Gilson Lopes Franco, de Fortaleza (CE).



Marcelo El Khouri Buzato (Unicamp).

Fotos Sérgio Carvalho

o papel do professor como arquiteto nessa nova forma de construção do conhecimento.

Marcelo falou também sobre a mudança da natureza dos textos nesse cenário. Entre os vídeos que apresentou, estava o desenho animado *Teletubbies*, com trilha sonora de *funk*, diferente da original, e declarou: “Tudo isso é texto. Tudo está sujeito a algoritmo: todas as mídias e linguagens estão no mesmo tecido matemático”. A intensa produção de novas leituras e significados para conteúdos existentes, que ele identificou como *remix* e *mashup*, vai muito além do “*copy e paste*”. A concepção sobre autoria expande-se nesse contexto que conecta ideias, assuntos e pessoas de forma colaborativa.

■ Um giro sobre as mesas

A ideia de colaboratividade, aliás, permeou os projetos dos professores que integraram a primeira mesa do evento. A professora Ana Virgínia Domingos de Oliveira, de Quixeramobim, Ceará, apresentou “Escrevendo crônicas: o despertar da partilha sob novos olhares”, trabalhou com a turma mais difícil e acabou conseguindo até um grupo de voluntários que auxiliavam os colegas na hora de escrever.

Já a professora Elizete Vilela de Faria Silva, de Divinópolis, Minas Gerais, para elaborar com os alunos uma carta aberta contra o preconceito, criou no momento da reescrita a troca de bilhetes orientadores entre os próprios alunos. Seu projeto “Escrevo-te estas bem traçadas linhas – Unindo nossas vozes contra o preconceito” contou com a invenção do “preconceitômetro”, para identificar e medir os tipos de preconceito que havia no grupo.

O professor José Gilson Lopes Franco, de Fortaleza, Ceará, teve de usar um chocalho para organizar os turnos de fala entre os estudantes, tamanha era a vontade dos alunos em participar da atividade de criação coletiva de uma sextilha durante o projeto “Literatura de cordel – Um caminho para o ensino da escrita”. Essa disposição de se envolver e compor junto culminou na criação de um grupo de cordelistas da escola que está se apresentando pela cidade afora.

No projeto “Autores e atores nascem na sala de aula”, a professora Marta Regina Martins, de Monte Santo de Minas, Minas Gerais, também trabalhou a criação em conjunto, desde o texto teatral – gênero a princípio não previsto pela Olimpíada – até a montagem da peça, o que trouxe autoconfiança para os alunos mais retraídos.

Na segunda mesa, a professora Carolina Lobrigato, de São Paulo, São Paulo, apresentou o projeto “Vozes que encantam, comemoram e representam!”, em que trabalhou um gênero também não previsto na Olimpíada: o *Spot* radiofônico. Contou com a parceria do professor de informática educativa, o que possibilitou aos alunos gravarem os textos sobre os 60 anos da E.M.E.F. Altino Arantes, que foram difundidos na rádio da escola – a ALTINOMIX.

Assim como Carolina, o professor José Jilsemar da Silva, de Marcelino Vieira, Rio Grande do Norte, trabalhou o protagonismo com seus alunos para criar artigos de opinião no projeto “Motivo, tudo o que preciso”. Ele driblou a falta de computadores e criou um grupo de WhatsApp com os alunos para conseguir tocar as atividades.

A professora Maira Andréa Leite da Silva, de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, também inseriu o uso dos celulares durante seu projeto “Crônica: essa paixão que desvela o cotidiano”, pedindo que os alunos fotografassem cenas que os inspirassem a ativar a lupa sobre o mundo, que deve ser inerente ao olhar do cronista. Trabalhar as figuras de linguagem por meio de músicas foi uma estratégia que fez a diferença para que seus alunos apurassem a escrita.

A professora Rosa Maria Martins Pereira, de Rio Grande, Rio Grande do Sul, que integrou a terceira e última mesa do evento, também incentivou suas alunas a colocar a tal lupa de cronistas em ação: “Convidei-as a estranhar a Ilha da Torotama, onde leciono, e a observar as sirizeiras que ali vivem”. Com o trabalho, Rosa contribuiu para que a turma se apropriasse de suas raízes e valorizasse um saber local.

Num movimento inverso, a professora Quitéria Éden Batista Leite, de Pesqueira,



Edi Fonseca, mestre de cerimônia.



Rosa Maria Martins Pereira,
de Rio Grande (RS).



Professores que apresentaram seus projetos de escrita no Seminário.

Fotos Sérgio Carvalho

Pernambuco, convidou os alunos para o que chamou de “Viajar sem sair do lugar”. Começou o trabalho compartilhando um texto em que ela resgatava a própria história com a leitura. A turma ficou tão empolgada com seu projeto de criação de resenhas literárias “Da leitura à escrita – Trilhas a serem percorridas” que, a certa altura, não havia mais livros disponíveis para retirar na biblioteca.

Dando sequência à toada de projetos que empoderaram os alunos, Michele Mendes Rocha de Oliveira, de Tabatinga, Amazonas, compartilhou com a plateia seu “A argumentação que leva à estrada da cidadania”, que culminou em uma carta de solicitação ao prefeito pedindo a pavimentação da rua da escola. Os professores de História, Geografia, Biologia, Química e Sociologia, que foram parceiros no projeto, os alunos e a comunidade testemunharam a força concreta da palavra, pois agora já têm uma rua novinha passando em frente à escola.

■ De mãos dadas com os poetas

A força da palavra direta e reta chegou a seu ponto máximo, no Seminário, durante a apresentação do grupo Slam das Minas, que fez uma “Batalha de Poesia”. Poetas, sempre mulheres, declamam seus textos, em geral relacionados a questões de gênero e raça, e um grupo vota nos melhores versos. Uma batalha em que não há meias palavras, e a consciência e a crítica social estão na ponta da língua.

Também participou da programação o escritor Marcelino Freire, que em sua divertidíssima palestra “Como ler o que não está escrito” fez revelações sobre sua história com a leitura, a escrita e a literatura. Foram muitas e inspiradoras pérolas, como: “O problema é querer entender a poesia. É a partir do sentimento que o poeta nos pega pela mão. Assim, foram os poetas me pegando pelas mãos. Manuel Bandeira escreveu: ‘Eu faço versos como quem morre’. Eu não entendia o que ele estava dizendo. Mas minha tristeza entendia. Bandeira pegou minha mão e a deixou na de Cecília Meireles, que me deixou na mão de Mário de Andrade, que me deixou na de Solano Trindade, Augusto dos Anjos...”. “Por isso que eu não gosto de

livro de autoajuda. Falam sobre o que eu já sei. Quero o que eu não sei.” “Li *Metamorfose*, do Kafka, depois eu era outra pessoa. A literatura nos acorda e nos conforta.”

Para desfechar o evento, uma roda de conversa sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com um time estrelado: Maria José Nóbrega, assessora pedagógica em programas de formação continuada de professores; Kátia Bräkling, consultora na elaboração de currículos na área de Língua Portuguesa; Anna Helena Altenfelder, presidente do Conselho de Administração do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec); e Angela Dannemann, superintendente do Itaú Social. O consenso entre as profissionais é o ganho de se ter uma base comum, no entanto, apontaram diversos pontos frágeis da atual versão do documento, nas palavras de Ana Helena: “Ter uma base é um passo importante para a promoção da equidade, a redução das desigualdades educacionais e a efetivação do direito a uma educação pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade para todos os brasileiros”.

Esse assunto é pauta extensa, que não caberia detalhar nestas páginas. Mas a era digital nos ampara com suas vantagens: vídeos com todo o conteúdo do Seminário estão disponíveis no *site* do Programa Escrevendo o Futuro. Como muito bem disse a professora Quitéria “Voltamos do Seminário com uma bagagem que transborda”. Levamos também a esperança que nos transmitiu Edi Fonseca, mestre de cerimônia do evento, despedindo-se da plateia com o poema “Canção do não tempo de lua”, de Mário Lago, que finda assim:

Criança é bonito? É

Mulher é bonito? É

A lua é bonito? É

A rosa é bonito? É

Pois criança vai ser homem porque a gente quer
A mulher vai ter seu homem porque a gente quer
Homem vai fazer seu sonho porque a gente quer
Vai ser tempo de ver lua e tirar rosa do pé.



Angela Dannemann (Itaú Social) e Anna Helena Altenfelder (Cenpec).



O escritor Marcelino Freire.



Fotos Sérgio Carvalho

Tirando de letra

A ESCRITA *do professor-autor*

Compartilhamos as experiências e os desafios vividos em sala de aula por docentes, de diferentes lugares do país, que apresentaram seus projetos de escrita no “Seminário Nacional Escrevendo o Futuro – Com a palavra o professor-autor”, em outubro de 2017.



Ana Virgínia Domingos de Oliveira

Quixeramobim (CE)
Professora do 3º ano
do Ensino Médio

Escrevendo crônicas: o despertar da partilha sob novos olhares

GÊNERO: CRÔNICA

“Naquele dia, para nossa surpresa, o aluno visto como o mais introspectivo da sala abriu o caderno e começou a ler em voz alta seu primeiro texto, colocando em liberdade palavras aprisionadas nas bolinhas de papel que deixava cair da mesa.”

O contentamento da professora Virgínia Domingos não se limitou ao despertar para a escrita e ao compartilhamento de um texto pelo aluno do 3º ano “D”, da Escola Estadual de Educação Profissional Dr. José Alves da Silveira, em Quixeramobim, no Ceará.

Aquela cena simbolizava a superação das dificuldades e resistências que encontrou na turma quando, no início do ano letivo, se atreveu a trabalhar com o gênero crônica, mesmo ciente de que o Enem já batia à porta de sua sala de aula. Mais que apurar o olhar para escrever crônicas sobre o cotidiano da cidade, aquela sequência didática representou para seus alunos um intenso despertar para a autorreflexão e a possibilidade de partilhar medos, dúvidas, angústias, anseios... Descobriam o poder da autoria e da partilha, como revelou a aluna: “Ser jovem é muito difícil, por isso a crônica veio numa hora em que eu precisava ser ouvida e poder expressar minha bagunça de sentimentos”.



Carolina Lobrigato

São Paulo (SP)
Professora do 7º ano
do Ensino Fundamental

Vozes que encantam, comemoram e representam!

GÊNERO: SPOT RADIOFÔNICO

É hora de comemorar!

A E. M. E. F. Altino Arantes completa 60 anos. Os alunos ansiosos buscam várias maneiras de festejar este acontecimento. Afinal, a escola é referência no bairro.

Os sétimos anos da professora Carolina decidiram, entre as diversas atividades que estão sendo realizadas, produzir *spots* radiofônicos, divulgados no intervalo das aulas e na Mostra Cultural da Escola, que contará com a presença da comunidade.

Entre os desafios encontrados, o maior deles foi a transposição da linguagem escrita para a oral. Porém, uma parceria com o professor de Informática facilitou o trabalho e o resultado foi surpreendente! Ao ouvirem suas próprias vozes gravadas, os alunos se entusiasmaram e continuaram produzindo cada vez com mais criatividade, atingindo assim o objetivo da professora que era aliar o protagonismo dos alunos com o aprimoramento da capacidade de comunicação, da persuasão e da exploração da linguagem oral.

Escrevo-te estas bem traçadas linhas: Unindo nossas vozes contra o preconceito

GÊNERO: CARTA ABERTA

Diante de situações que nos incomodam temos duas opções: calar ou nos fazer ouvir. Embora a primeira possa parecer mais fácil, é a segunda que promove mudanças. Em nós e nos outros. E foi este o caminho escolhido pela professora Elizete e seus alunos. Foram muitas trilhas percorridas, mas vamos apresentar apenas duas.

A primeira, ponto de partida do projeto, foi a superação do preconceito. O tema “Respeito e Preconceito” despontou em um jogo que abordava questões polêmicas. Os alunos fizeram uma reflexão madura e identificaram em suas interações cotidianas a revelação de seus sutis preconceitos: “Aprendi a reconhecer o preconceito”, “Brincadeira de mau gosto pode machucar o colega”.

O mural “Isso é preconceito” trazia alguns dizeres, veja esse: “Tenho um pai racista que diz ‘negros caçam brigas’”. Os exemplos, expressos no mural, afetaram a vida da comunidade escolar, que parava para ler e conversar sobre as mensagens – “Chamar cabelo crespo de ‘cabelo ruim’”, ou “pessoas negras, de ‘moreninhas’”, ou “dizer que uma pessoa é feia só porque ela não se adequa aos padrões estéticos impostos pela sociedade”.

A declaração de um dos alunos revela o valor desse trabalho: “O projeto não morre dentro da sala, vai para nossa vida”.

Mas, e o trabalho com a língua portuguesa? E aqui está a segunda trilha – a análise da linguagem expressa nos bilhetes escritos pelos alunos para seus colegas, orientando a reescrita de seus textos, uma das estações da sequência didática. Nessas mensagens era evidente a leitura respeitosa, livre de julgamentos e a indicação precisa para reformulação – eles tinham aprendido com a professora como analisar criticamente um texto. Mais surpreendente foi perceber como uma das alunas questiona a orientação da colega: “Você me diz para eu incluir mais dados, mas como eu procuro persuadir o leitor, vou dar mais opinião, não estou fazendo uma reportagem”.

A clareza dos objetivos da escrita de uma carta aberta expressa-se na fala de uma das alunas: “Escrevemos também para dar voz àqueles que não sabem escrever e querem ver essas ideias espalhadas”.



Fotos Sérgio Carvalho

Elizete Vilela de Faria Silva

Divinópolis (MG)
Professora do 8º ano
do Ensino Fundamental



José Gilson Lopes Franco

Fortaleza (CE)
Professor do 7º ano
do Ensino Fundamental

Um caminho para o ensino da escrita

GÊNERO: LITERATURA DE CORDEL

A Escola de Tempo Integral Dom Antonio de Almeida Lustosa está situada em Bom Jardim, território de alta vulnerabilidade na periferia de Fortaleza, Ceará. É nessa escola que José Gilson Lopes Franco leciona desde o início de 2016. Tanto ele quanto seus colegas educadores se mantêm firmes em seus princípios e objetivos educacionais, traduzida pela diretora como “Pedagogia da Presença”, exercida cotidianamente, ou seja, a relação de respeito e confiança entre professores e alunos se expressa não apenas por palavras, mas também por gestos, olhares, ações em trabalho!

Seguindo as orientações do Caderno do Professor e estudando a metodologia de ensino proposta pelo Programa Escrevendo o Futuro, Gilson dedica-se com afinco ao planejamento e à preparação dos recursos que utiliza em sala de aula: imagens de xilogravuras, objetos da cultura nordestina, cordéis pendurados em varais, mala de livros. Os cartazes com o passo a passo das oficinas, os registros fotográficos com os alunos agrupados de formas variadas, as diferentes configurações da sala de aula, o mural com textos de estudantes falam sobre o percurso trilhado. Assim, encontramos resultados do trabalho, na voz dos alunos:

“Eu gosto muito das aulas do Gilson porque ele é uma pessoa que sabe dividir o que a gente tem que aprender. Ele não passa tudo de uma vez para que a gente aprenda só. Ele não deixa que a gente faça sozinho.”

E o professor Gilson completa: “O caminho percorrido não é o mesmo. Os alunos não partem do mesmo lugar, nem chegam ao mesmo lugar; não partem do mesmo jeito e também não chegam do mesmo jeito.”

Motivo, tudo de que preciso?

GÊNERO: ARTIGO DE OPINIÃO

A concepção do trabalho com a língua materna, na perspectiva de formar leitores e produtores de textos, impulsionou o professor Jilsemar à construção de um projeto com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, cujo objetivo era transformar seus alunos em articulistas de um artigo de opinião. Para tanto, foi planejada uma sequência didática contemplando os eixos da oralidade, da leitura e da escrita e, nesse percurso, a análise e discussão de experiências socialmente compartilhadas no lugar em que vivem, por meio de debates em sala de aula, mesa-redonda (com participação de autoridades locais) e uma “conversa afiada” com os membros do legislativo municipal.

As atividades desenvolvidas repercutiram para além dos muros da escola, ganharam visibilidade em mídias locais e foram registradas em uma página no Facebook. O lançamento da “Primeira coletânea de artigos de opinião da Escola Estadual Des. Licurgo Nunes” traduz, com mais propriedade, o êxito alcançado, considerando o entusiasmo e empenho da turma e, sobretudo, os conhecimentos construídos no tocante à produção escrita, uma vez que ficou evidente o vínculo estabelecido entre a competência linguística e a competência comunicativa dos, então, articulistas, no uso efetivo da língua materna em sua função social.



José Jilsemar da Silva

Marcelino Vieira (RN)
Professor do 7º ano
do Ensino Fundamental



Maira Andréa Leite da Silva

Santa Cruz do Sul (RS)
Professora do 9º ano
do Ensino Fundamental

Essa paixão que desvela o cotidiano

GÊNERO: CRÔNICA

Assumindo aos quatro ventos do sul sua paixão incondicional pela crônica e acolhendo a oportunidade de viver com seus alunos, na Escola Harmonia, uma experiência de leitura, análise e escrita do gênero em questão, a professora Maira desenha uma sequência didática baseada, a princípio, nos moldes das oficinas sugeridas no *Caderno do Professor – A ocasião faz o escritor*.

O projeto de levar a turma para conhecer os encantos e os múltiplos tons da crônica ganha forma e vez; no percurso, quer fazer brotar no olhar pouco experiente dos alunos a porção crítica e desafia seus próprios obstáculos e o desinteresse dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Seu intento é que os alunos, movidos pela curiosidade, vislumbrem o desvelar do cotidiano, através do olhar e das palavras do cronista. Assim, sua tarefa foi ganhando novos desenhos, outras atividades.

Como experimentar estratégias que levem os alunos a se apropriarem da crônica?

O que chama a atenção nesse sentido é que sua sequência de trabalho ganha etapa ampliada no momento da produção final. Os alunos são encorajados a escreverem e rescreverem múltiplas crônicas.

A sala de aula, movida pela paixão e pelo intento pedagógico, ganha espaços de transferir figuras literárias, percebidas em letras de música, para o texto da crônica. Reinaugura sessões de leituras e rodas de conversa sobre crônicas e cronistas inspiradores. Organiza sessões para ler e verificar possibilidades de melhoria dos textos. Os nós das dificuldades vão se desatando, aos poucos.

Autores e atores nascem na sala de aula

GÊNERO: TEXTO TEATRAL

O trabalho da professora Marta chama a atenção pela opção por um gênero não indicado na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: o texto teatral escrito.

Ao criar, na escola, o grupo teatral “Pê sem sapato”, Marta acumulou conhecimento e prática, encenando com os alunos peças infantojuvenis. O gênero já fazia parte do seu fazer pedagógico. Assim, o convite da Olimpíada encorajou-a a desenvolver o projeto “Autores e atores nascem na sala de aula”.

Após conversas com as turmas da Escola Estadual Dr. Wenceslau Braz, o 8º ano “A” abraça a ideia com alegria. Numa sequência bem elaborada, os alunos conhecem o gênero e suas marcas, obras e autores, escrevem e reescrevem textos a partir de diferentes situações e propostas.

Desafio final: em pequenos grupos, definir o tema e produzir um texto teatral. Sérios, bem-humorados, portando denúncias ou revelando o universo dos autores, os textos brotam e rebotam, apesar das muitas pedras no meio do caminho. Nem a interminável reforma da escola, nem as férias antecipadas pela precariedade do transporte escolar impediram Marta e seus alunos de realizar esse belo trabalho.



Fotos Sérgio Carvalho

Marta Regina Martins

Monte Santo de Minas (MG)
Professora do 8º ano
do Ensino Fundamental



Michele Mendes Rocha de Oliveira

Tabatinga (AM)
Professora do 3º ano
do Ensino Médio

A argumentação que leva à estrada da cidadania

GÊNERO: CARTA DE SOLICITAÇÃO

Há anos, alunos, professores e funcionários do Instituto Federal do Amazonas – Campus Tabatinga – enfrentam dificuldades para chegar à rua Santos Dumont, local onde está a escola. Grandes buracos, lama, água e os consequentes acidentes e atolamentos de veículos já se tornaram rotina na vida da comunidade escolar. Diante disso, a professora resolveu lançar mão da escrita e convidou seus alunos para juntos tentarem solucionar o problema.

Michele propõe, então, a elaboração de uma carta oficial de solicitação para o prefeito do município. Após o término da produção, o prefeito recebeu o documento das mãos dos estudantes e foi à escola conversar com alunos, professores, funcionários e comunidade local, informando as providências que seriam tomadas.

Como o tema era de grande relevância social, o projeto mobilizou toda a comunidade, que pôde enxergar o poder da palavra e a possibilidade de participação social por meio da escrita. Assim, os estudantes utilizaram seus textos a serviço de um problema real compartilhado por todos da região.

Segundo os próprios alunos, eles estavam sentindo-se “mais poderosos”, o que evidencia, sem dúvida, a relação entre escrita e cidadania proporcionada pelo trabalho desenvolvido.

Da leitura à escrita – Trilhas a serem percorridas

GÊNERO: RESENHA LITERÁRIA

A professora Quitéria Éden, ou simplesmente Éden, como é conhecida, sempre viveu o desafio de ensinar seus alunos da Escola de Referência em Ensino Médio José de Almeida Maciel, na cidade de Pesqueira, em Pernambuco, a apreciarem os clássicos da literatura nacional, para se envolverem, de forma efetiva, com as histórias de lugares e personagens.

Foi exatamente por meio de uma história, ou melhor, do relato escrito da sua história, que a professora vislumbrou uma forma de realizar o projeto sobre resenhas literárias.

Seu texto e sua inspiração nasceram da solicitação do curso virtual “Caminhos da Escrita”, oferecido pelo Portal Escrevendo o Futuro, com a reflexão “Eu, a leitura e a escrita”, uma das atividades inaugurais da proposta, que visa, entre outros objetivos, contribuir para o trabalho com projetos sobre práticas de letramento.

Assim, a partir da leitura de seu relato “Senta que lá vem história!”, Éden convidou seus alunos do 1º ano A para registrarem suas próprias trajetórias e percebeu que eles começaram a abrir caminho para o que chamou de “viajar, sem sair do lugar”.

Na sequência, rodas de leitura e de conversa, vídeos, produções escritas, indicações literárias e, especialmente, variadas obras passaram a integrar a rotina de seus alunos, culminando na elaboração de consistentes resenhas literárias.



Fotos Sérgio Carvalho

Quitéria Éden Batista Leite

Pesqueira (PE)
Professora do 1º ano
do Ensino Médio



Rosa Maria Martins Pereira

Rio Grande (RS)
Professora do 7º, 8º e 9º ano
do Ensino Fundamental

Valorizando saberes torotameiros

GÊNERO: CRÔNICA

Com um olhar nos saberes da comunidade torotameira e outro na experiência com o trabalho com gêneros textuais, crônicas foram ensinadas e escritas. A professora aproveitou o momento certo: a roda das mulheres sirizeiras, da Ilha da Torotama e pensou: “Por que não valorizar esse trabalho tão presente na vida das alunas e escrever crônicas?”.

Saíram para além dos muros da escola. O desafio era registrar, com fotos, lápis e cadernos, os saberes da ilha; e este olhar para fora trouxe as mulheres para dentro, em uma roda de conversa.

Enfrentou resistências, mas não se deteve. Trabalhou a sequência didática que havia proposto e devagar foi cativando as alunas para o projeto.

As crônicas iam nascendo e ganhando sustentação. Textos prontos foram expostos e lidos dentro e fora dos muros. Seu projeto oportunizou ensinar a crônica e valorizar os saberes locais.

Página literária

Armando Freitas Filho

Canetas emprestadas

para Ana Martins Marques

A caneta do florista
tenta um floreio, mas a mão
que por empréstimo a empunha
não sabe fazer desabrochar
a flor no ar livre do papel
nem desenhá-la, sequer.

A caneta do porteiro
aponta o andar, e espera
que o ponteiro do elevador
acuse se o destino foi o certo
e a porta abriu ou não

A caneta do jornaleiro
na verdade um toco de lápis
suado, oferecido como um mágico
que o tira detrás da orelha
tem a pressa da notícia, o furo
cabeludo do ouvido em primeira mão.

A caneta do amolador é uma faísca
um risco, um guincho que varia
que vaivêm querendo afinar
o que vai dizer ou cantar agudo
de ouvido, sem partitura.

A caneta do garçom serve melhor
por que tem uma mesa à mão
onde o tempo não passa
como reza o ditado, por causa
da carne e do vinho?

A caneta do frentista
que apara o carro, e o redesenha
da carroceria ao para-brisa:
a poder de estopa, flanela e élan
com água e espuma meticulosas
que desembaçam a paisagem
os óculos escuros, os olhos
do motorista na longa via.

"Canetas emprestadas", in: Armando Freitas
Filho. *Rol (2009-2015) – Poemas*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2016.

A caneta do ambulante
se expressa por garranchos:
voz alta, rouca, errada
aos arrancos, enquanto
perambula rua afora
entre pregão e correria
fixado camelô de si mesmo.

A caneta do médico
ao mesmo tempo
que prescreve a receita
vai costurando a ferida
ponto por ponto
e sua letra indecifrável
é o gráfico da cicatriz.

A caixa do supermercado
é de carne, rímel, coque
com a blusa do uniforme
aberta em três botões
que a desuniformiza no ato.
Sua caneta roxa vertical
não pode ser emprestada
pois anota compras sem parar
como a dos dois melões
que o comprador, na beirada
dela, também anota, sôfrego:
sô que não são os mesmos.

O lavador de carros, sonolento
à beira do mar aberto – à toa –
não tem caneta, tem mangueira
balde, pano e muita água gasta
que dava para lavar um ônibus
na lagarteante tarde de sábado
que passava, desperdiçada, sem
que ninguém fechasse o registro.

As canetas dos meros transeuntes
se reúnem numa sô: Bic!
Com sua elegância de atleta, esbelta
passando de mão em mão, masculinas
a maioria, azul, preta, no bolso
ou cravada, junto da jugular
na gola da camiseta, vermelha.

A caneta imprestável de alguém
quase sem carga, não serve mais
para acompanhar o pensamento
que iria se firmar a partir
da sua ponta esferográfica.
Por mais que tente recuperar-se
através de riscos irritados
falha, gaga, gasta, e se cala.

A caneta do chaveiro é à clef
por natureza, e se insere macia
no início, e depois estala:
com seu ruído de ferro fundido
ao dar as quatro voltas do segredo
na palavra-chave – La Fonte.

*A caneta marca AMM
é à prova d'água, por isso
não precisa de diques, nada
e vai fundo, para o que der e vier.
É única, não é feita em série
e só funciona na mão dela.
Neste envio, escrevo com a minha
e firmo: como é bom ter de novo
uma poeta chamada Ana.*

Armando Freitas Filho, poeta brasileiro, 77 anos,
autor, entre outros, de *Lar* (2009), *Dever* (2013)
e este *Rol*, que formam uma trilogia involuntária.





De olho na prática

Da argumentação à cidadania

Michele Mendes Rocha de Oliveira

Diante das dificuldades para se chegar à escola, a professora resolveu lançar mão da prática social da escrita para, junto com seus alunos, solucionar um problema que afetava a comunidade escolar e os moradores.

Este projeto surgiu a partir da demanda dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) – Campus Tabatinga, que desde o início do ano letivo enfrentam dificuldades de acesso à Rua Santos Dumont, onde fica localizado o Campus. Essa rua recebeu uma fina camada de asfalto em 2014, que durou cerca de três meses, devido a vários fatores: a péssima qualidade do material utilizado; o solo e suas características diferenciadas quanto à drenagem e ao volume de chuva durante o inverno; falta de saneamento e o grande fluxo de veículos na via. Hoje, há quase nenhum resquício de asfalto ao longo da via.

No lugar do asfalto, o que se observa são grandes buracos, a lama e a água das valas, já que não há saneamento básico. Esse problema dificulta o acesso ao Campus, de maneira que muitos alunos, servidores do Campus e moradores já sofreram acidentes na via. Outros ainda atolaram o carro, inclusive o ônibus do IFAM que transporta os alunos já ficou preso na lama. Os alunos reclamaram do descaso e dos perigos enfrentados ao chegar ao Instituto. Uma aluna enviou uma reclamação para um *blog* da região, porém, o problema não foi solucionado. Assim, surgiu a proposta de enviar uma Carta Oficial de Solicitação, em nome de todos os alunos do IFAM, para o prefeito de Tabatinga, município do Amazonas.

O projeto possibilita que os alunos do IFAM exerçam seu papel de cidadão em busca do bem da coletividade, e é justamente por conferir essa função social à linguagem, que esta proposta mostra sua relevância social e pedagógica. O fato de os alunos participantes do projeto serem jovens tornou o trabalho com a argumentação algo de suma importância, visto que estão numa fase da vida em que são críticos e ousados, e devem aprender a argumentar para intervir positivamente na realidade.

Michele Mendes Rocha de Oliveira é mestre em estudos linguísticos. Especialista em metodologia do ensino de português e literatura. Professora de língua portuguesa do Instituto Federal do Amazonas – Campus Tabatinga.

Passo a passo do projeto

1ª etapa Mobilização dos alunos

Leitura e discussão da situação problema.

Leitura da notícia publicada no *blog Bocas e Notícias*¹, sobre o ônibus do IFAM que atolou na Rua Santos Dumont quando trazia os alunos até o Campus.

Roda de conversa sobre os prejuízos que a falta de acesso pode trazer à comunidade.

Leitura da notícia "Buracos nas vias trazem prejuízos e perigos aos motoristas" publicada no site do jornal *O Povo*². Apesar de tratar da realidade da cidade de Fortaleza, no Ceará, está relacionada com a situação vivida em Tabatinga, no Amazonas.

Exibição dos vídeos "Moradores denunciam perigos causados por buracos em rua de Jardim Jordão"³ e "Moradores denunciam buracos, lama e inundações em rua de Prazeres"⁴, como forma de perceber que este problema ocorre em vários lugares do país.

Preparação da escrita do gênero Carta oficial de solicitação, com objetivo de requerer o asfaltamento da Rua Santos Dumont.

Reflexão sobre o significado de cidadania. Ir além da denúncia e caminhar em busca de soluções, que possam trazer melhorias à comunidade.

1. Disponível em <<http://bocasnoticias.blogspot.com.br/2016/07/tabatinga-am-alunos-do-ifam-campus.html>>.
2. Disponível em <<https://www20.opovo.com.br/app/especiais/acidadeenossa/2013/01/24/noticiasacidadeenossa,2994106/buracos-nas-vias-trazem-prejuizos-e-perigos-aos-motoristas.shtml>>.
3. Disponível em <<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2014/06/11/moradores-denunciam-perigos-causados-por-buracos-em-rua-de-jardim-jordao-12917.php>>.
4. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XO-4QiuLzd8>>.

2ª etapa

Conhecer o gênero Carta oficial de solicitação

1

Diagnóstico sobre os saberes dos alunos com relação a cartas e suas experiências com essa prática de letramento, com base nas seguintes perguntas:

Para que escrevemos cartas?

Você já escreveu uma carta? Por quê?

Hoje em dia, é comum escrevermos cartas?

Em que situações do cotidiano escrevemos cartas?

Quais tipos de cartas você já leu ou escreveu?

Houve alguma mudança/ evolução em relação ao uso da carta ao longo do tempo?

Atualmente, devido à necessidade de rapidez da informação, a carta vem perdendo espaço para quais suportes?

2

Oferecimento de diferentes tipos de cartas para leitura: de solicitação, de reclamação, do leitor e pessoal. Observação das características e objetivos de cada uma delas.

Texto 1 Carta de solicitação

Fortaleza, 12 de janeiro de 2010.

Ilmo. Sr. Diretor do Departamento de Trânsito de Fortaleza:

Nós, moradores da Rua Jair dos Santos Meneghetti, há anos enfrentamos sérios problemas com o trânsito local. Como é do conhecimento de V.Sa., a Avenida Olímpio de Souza é uma das mais movimentadas de nossa cidade. Ela concentra um grande número de veículos – desde automóveis, até ônibus e caminhões –, pois conduz o fluxo tanto ao centro da cidade quanto às rodovias que levam a cidades vizinhas.

Mesmo havendo duas pistas em cada sentido da Avenida Olímpio, é comum alguns veículos, na altura do número 1.500, tomarem nossa rua como atalho. Isso, por duas razões: primeiro, porque, nos horários de pico, é normal o trânsito fluir mais lentamente; em segundo lugar, porque, mais à frente, na altura do número 1.700, existe um semáforo que sinaliza o cruzamento da Rua Sílvia Arante com a Avenida Olímpio. Os motoristas, quando estão na altura do número 1.500, conseguem avistar o semáforo e, se ele está fechado, não hesitam em tomar a Rua Jair dos Santos como atalho e sair já no número 1.900 da Avenida Olímpio.

O resultado não poderia ser diferente: poluição do ar, barulho insuportável de motores e buzinas, riscos constantes para nossas crianças, insegurança, em virtude da constante circulação de pessoas estranhas ao local, má qualidade de vida.

Lembramos a V.Sa. que a Rua Jair dos Santos Meneghetti é predominantemente residencial e não comporta tal tipo de tráfego. Além disso, na campanha política do atual prefeito, que V.Sa. naturalmente apoiou, uma das propostas defendidas era a preservação da qualidade de vida da cidade. Eis uma oportunidade de concretizar essa proposta, tomando-se uma destas medidas práticas que ora sugerimos:

- a) inversão da mão da Rua Jair dos Santos Meneghetti, que atualmente vai do número 1 para o número 225;
- b) colocação de três quebra-molas ou lombadas ao longo da rua supracitada.

Acreditamos que a adoção de uma destas soluções – que custam pouco e podem ser efetivadas em no máximo dois dias – resolverá o problema e poderá nos devolver a tranquilidade que tínhamos no passado e que temos direito ainda hoje. Para V.Sa. e para o Departamento que dirige, será também a oportunidade de se integrar às reais necessidades da população, cada vez mais conscientes de seus deveres e direitos.

Certos de sua atenção, agradecemos.
Moradores da Rua Jair dos Santos Meneghetti

Disponível em <<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2012/08/carta-argumentativa-de-solicitacao.html>>. Acesso em 29/9/2017.

Texto 2 Carta de reclamação

Porto Alegre, 1º de fevereiro de 2010.

Sr. Diretor do Departamento de Trânsito de Porto Alegre,

No último dia 20, recebi uma multa relativa à infração cometida em 1º de dezembro de 2009. A multa foi lavrada no cruzamento da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Freitas Coutinho, às 15 horas, pelo fato de ter avançado o sinal vermelho.

Recordo-me bem da ocasião e admito que infringi uma norma do trânsito; aliás, uma “infração gravíssima”, de acordo com o novo Código de Trânsito. Porém, V.Sa. já viveu a desagradável situação de cruzar um semáforo, estando atrás de um ônibus de três metros de altura? Pois foi o que me aconteceu. Embora guardasse uma distância razoável do ônibus, sua altura não me permitia ver se o sinal estava ou não aberto. Como o ônibus não parou nem diminuiu a velocidade, achei que estivesse aberto e segui em frente.

Além disso, notei que o motorista que vinha atrás de meu veículo acelerou seu automóvel ao nos aproximarmos do cruzamento, o que me impediu completamente de parar ou esperar que o ônibus se afastasse para poder ver o semáforo, pois do contrário corria o risco de ter meu carro colidido na parte traseira.

Por outro lado, será que o ônibus ou o veículo de trás também foram multados? Ou será que o policial de trânsito não teve tempo para anotar a chapa dos outros dois veículos, fazendo-me sua única vítima? Teria havido coerência por parte do policial ao lavar essa multa?

Gostaria de lembrar ainda que, em mais de vinte anos como motorista, jamais fui multado, o que comprova o quanto minha conduta tem sido correta no trânsito e o quanto essa multa é injusta.

Peço a V.Sa. que examine esse caso de forma mais ampla, distinguindo, de maneira clara, aqueles que realmente merecem ser multados daqueles que merecem ser compreendidos e, portanto, perdoados.

Sem mais para o momento, agradeço sua compreensão,

Victor Hugo Sanches

Disponível em <<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2012/08/carta-argumentativa-de-reclamacao.html>>. Acesso em 29/9/2017.

Texto 3 Carta do leitor

FOZ DO IGUAÇU, 28 DE SETEMBRO DE 2007.

À ISTOÉ,

PARABENIZO A REVISTA ISTOÉ PELA REPORTAGEM. É PRECISO QUE ESSE ASSUNTO ENTRE NA PAUTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA E QUE A FAMÍLIA REASSUMA O SEU PAPEL DE REORIENTAR OS JOVENS. O ÁLCOOL TORNA-SE AINDA MAIS PERIGOSO DIANTE DA HIPOCRISIA DE QUE “BEBER SOCIALMENTE” É PLENAMENTE ACEITÁVEL. O NÚMERO DE MORTOS OFERECE UMA CLARA MEDIDA DE QUE POUCO OU NADA SE FAZ PARA EVITAR A TRAGÉDIA.

José ELIAS NETO

Disponível em <<http://slideplayer.com.br/slide/1468602>>. Acesso em 29/9/2017.

Texto 4 Carta de pessoal

São Paulo, 18 de agosto de 2017.

Caro Francisco,

Como estão as coisas por aí? Eu soube que você entrou em uma nova escola, como está a adaptação?

Por aqui tá tudo bem! Desde que saí de nossa cidadezinha pra fazer faculdade tudo parece tão novo e diferente! O campus da universidade é muito perto da minha casa, uma kitnet pequeninha, não preciso andar muito nem pegar transporte público. Poxa, tô com tanta saudades de você e da Mônica. Esses dias eu estava lembrando quando a gente ficava em frente do portão da escola, até altas horas... hahaha. E a Mônica, como ela está? No ensino médio nós três éramos tão inseparáveis, né? Você lembra do Jorge, aquele professor de Química que sempre tirava a gente da sala? Foram ótimos momentos. Vocês foram meus melhores amigos nos últimos anos, e fico triste de estarmos tão separados agora.

Espero que possamos nos encontrar algum dia, no futuro. Sei que neste momento estamos focados em outros objetivos, mas acredito que seja difícil separar uma amizade tão forte.

Um abraço muito apertado para você, sua família e para nossa amiga Mônica.

Tomás

3

Observação das características das cartas e do que elas têm em comum, por exemplo, perceber a diferença de objetivo e da forma composicional de cada uma delas.

4

Organização dos alunos em duplas e solicitação que, com base no que observaram e conversaram durante a leitura das cartas, preenchessem a tabela abaixo:

		Qual objetivo?	Quem escreve?	Para quem ler?	Onde vai circular?
Texto 1	---				
Texto 2	---				
Texto 3	---				
Texto 4	---				

5

Li com o grupo os registros da tabela e propus que respondessem, em duplas, as seguintes questões:

A linguagem utilizada nas cartas é a mesma?
Em quais cartas são iguais e em quais são diferentes?

É possível observar alguma influência do tipo de destinatário e do lugar onde a carta circula com a linguagem?

Há alguma relação entre o destinatário, o lugar onde circula e a forma de tratamento utilizada em cada carta?

Em alguma(s) da(s) cartas não há o uso de argumentos?
Em qual(is)? Por quê?

6

Retomei, ao final da atividade com os alunos, o uso de cada tipo de carta adequado à situação de comunicação. Evidenciei que algumas cartas do leitor não apresentam o vocativo e o agradecimento em sua estrutura, sobretudo aquelas que se relacionam ao universo jornalístico.

3ª etapa

Produzir uma carta de solicitação

1

Solicitei que os jovens pesquisassem os problemas encontrados no Instituto e escolhessem um dos problemas para a produção de uma carta de solicitação para o diretor do Instituto.

2

Planejamento, junto com os alunos, da produção da carta de solicitação ao diretor do Instituto, a partir das seguintes questões:

Qual será a situação-problema a ser apresentada na solicitação?

Qual será o pedido feito na solicitação?

A solicitação é de interesse pessoal ou coletivo?

Quais as causas e consequências do problema apresentado?

Qual(is) argumento(s) será(ão) utilizado(s) para defender/comprovar a necessidade de atendimento da solicitação?

Quais benefícios a solução do problema traria?

Como deve ser a estrutura e a linguagem desse gênero?

Os pronomes de tratamento foram adequadamente utilizados?

O fechamento do texto deve apresentar agradecimento, nome e assinatura?

3

Leitura e discussão com a turma do texto do pesquisador Joaquim Dolz⁵, para conhecer as características da carta oficial de solicitação.

Tratando-se de uma correspondência oficial, o leitor (destinatário: prefeito, reitor, diretor de banco etc.) espera, um tratamento formal e respeitoso de seu interlocutor (de quem escreveu a carta).

Basicamente, esse tipo de carta apresenta a seguinte planificação:

- a) Data com dia, mês, ano e lugar (cidade, por exemplo).
- b) Nome completo da pessoa a quem se dirige a carta e o cargo por ela exercido.
- c) A introdução pode ser feita por uma saudação inicial, com os pronomes de tratamento (prezado Senhor, Vossa Excelência (prefeitos, vereadores); Vossa Magnificência (reitores de universidades etc.).
- d) A ideia principal vem exposta no primeiro parágrafo, ou seja, expõe-se o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) se escreve a carta e também os argumentos pertinentes. Sempre com educação, com palavras claras e simples e sem repetição.
- e) Se necessário, em um segundo parágrafo, podem ser apresentadas as ideias ou informações secundárias não expostas anteriormente.
- f) O fecho é a parte que encerra a carta. Uma variedade de expressões encontra-se disponível, podendo uma delas ser escolhida de acordo com o estilo de cada escritor (atenciosamente; cordiais saudações; com elevada consideração; muito (a) agradecido(a) etc.).
- g) Assinatura e nome do enunciador (de quem escreve a carta).

5. In: Joaquim Dolz, Roxane Gagnon, Fabrício Decândio. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

São muitos os saberes...

4

Preocupada em dar consistência à argumentação da carta de solicitação, organizei um ciclo de palestras com a participação dos professores de diferentes áreas:

"Bioma Amazônico" Biologia

"O espaço amazônico: clima, solo, relevo e hidrografia" Geografia

"A química do solo e a impermeabilização" Química

"O papel da carta ao longo da história do país" História

"Os impactos sociais causados pela situação de não trafegabilidade da rua" Sociologia

5

Cada grupo de jovens entrevistou um dos públicos que compõem a comunidade do bairro: servidores do Campus Tabatinga, alunos do Instituto, pais de alunos e moradores do bairro. As entrevistas foram elaboradas com base nas questões abaixo e gravadas em vídeo.

O que você acha do asfaltamento da rua?

Você já se sentiu prejudicado pela dificuldade de mobilidade no bairro, devido à situação da rua?

Você já sofreu algum acidente na rua Santos Dumont? Por quê? O que houve? Se não sofreu, conhece alguém que se acidentou na rua?

Você já viu a rua em bom estado? Você já sentiu vontade de mudar de casa por causa da rua? (Apenas para os moradores do bairro.)

Você já sentiu vontade de mudar seu filho de escola por causa da rua? (Apenas para os pais de alunos do Campus.)

Você já sentiu vontade de mudar de escola por causa da rua? (Apenas para os alunos do Campus.)

Você já sentiu vontade de mudar de emprego por causa da rua? (Apenas para os servidores do Campus.)

6

Durante a socialização das entrevistas, os alunos fizeram anotações para terem material suficiente para a construção dos argumentos e encaminhamentos para a solução do problema.

7

Retomei, no coletivo, os tipos de argumento e os elementos articuladores⁶ que podem ser utilizados na carta de solicitação.

6. Os quadros "Tipos de argumento" e "Elementos articuladores" podem ser encontrados no *Caderno do professor: Pontos de vista – Orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec, pp. 116 e 127. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/colecao-da-olimpiada/artigo/232/cadernos-do-professor>>.

4ª etapa

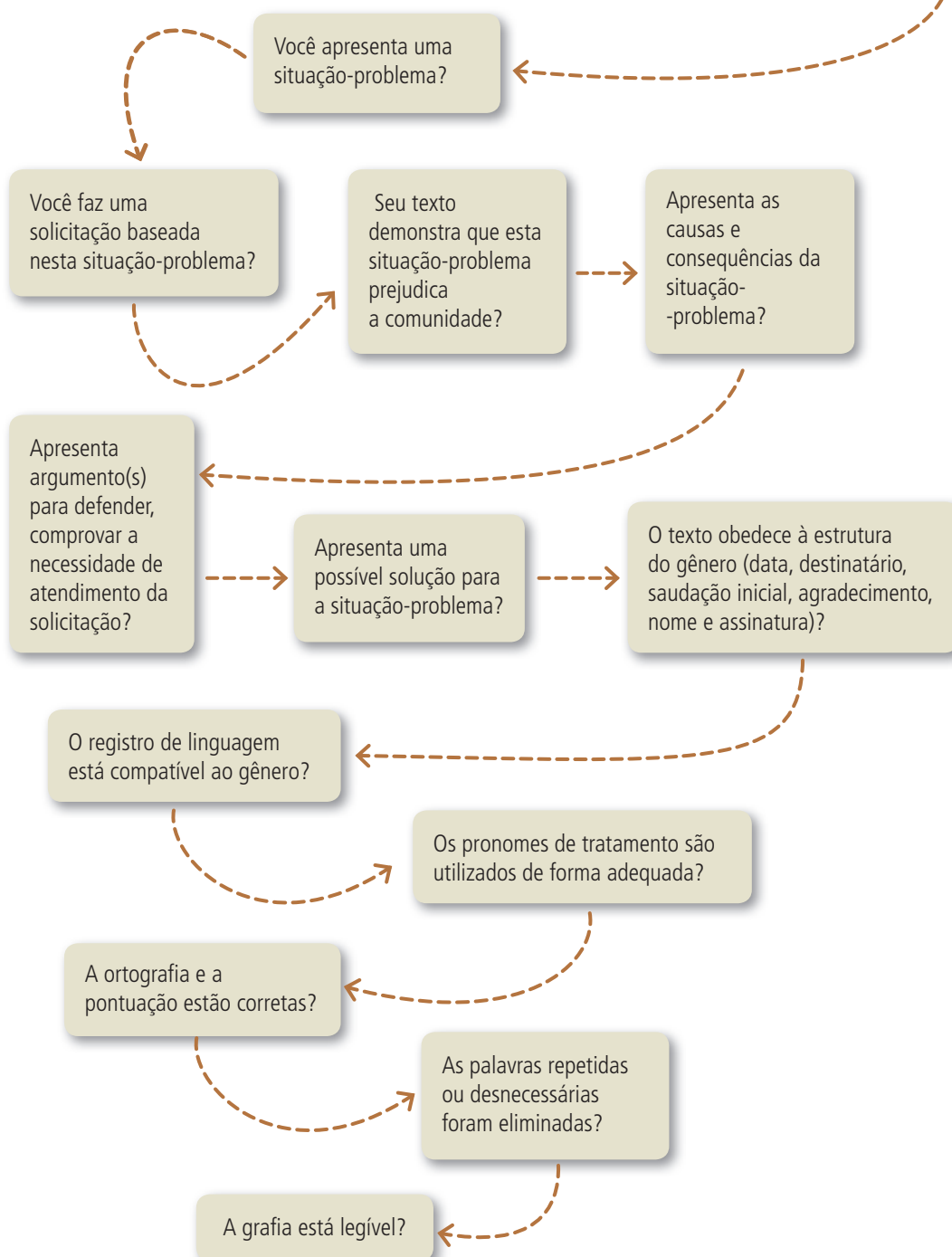
Produzir a carta de solicitação

1

Revisitei as atividades realizadas com os alunos, considerando não só os elementos que constituem o gênero Carta de solicitação, mas também as informações coletadas no ciclo de palestras e nas entrevistas.

2

Era hora de os alunos revisarem seu texto, a partir dos apontamentos da professora e do roteiro abaixo.



3

Após a entrega dos textos pelos alunos, houve uma primeira fase de seleção, de acordo com a grade de critérios de avaliação.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

	SIM	EM PARTE	NÃO
O texto parte de uma problemática local?	1.0	0.5	0.0
Apresenta data com dia, mês, ano e lugar?	3.0	1.5	0.0
Remete-se a um destinatário (nome completo da pessoa a quem se dirige a carta e o cargo por ela exercido)?	3.0	1.5	0.0
Utiliza-se a saudação inicial adequadamente (uso de pronome de tratamento)?	3.0	1.5	0.0
A Ideia principal foi exposta no primeiro parágrafo (expõe-se o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) se escreve a carta)?	3.0	1.5	0.0
Apresenta as causas e consequências da situação-problema?	3.0	1.5	0.0
Utiliza informações pertinentes para construir o(s) argumento(s)?	3.0	1.5	0.0
Apresenta argumento(s) bem construído(s) para defender/comprovar a necessidade de atendimento da solicitação?	3.0	1.5	0.0
Utiliza adequada estratégia de fechamento do texto (agradecimento, nome e assinatura do leitor)?	3.0	1.5	0.0
Apresenta uma possível solução para a situação-problema?	3.0	1.5	0.0
O registro de linguagem está adequado gênero?	3.0	1.5	0.0
O texto é coeso?	3.0	1.5	0.0
Utiliza diferentes tipos de argumentos de modo eficaz?	2.0	1.0	0.0
O texto atende às convenções da escrita?	2.0	1.0	0.0

4

Em seguida, selecionei quatro cartas que foram divulgadas para toda a comunidade. Todos os alunos, professores, funcionários, moradores, pais e frequentadores foram convidados a comparecer à escola, onde coletivamente fizeram a leitura das cartas e escolheram a mais representativa.

5

A Carta de solicitação escolhida foi a da aluna Rafaela Barbosa do Nascimento, que a entregou pessoalmente ao prefeito do município, em nome de todos os alunos do IFAM – Campus Tabatinga.

Carta escolhida

Tabatinga, 23 de junho de 2017.

Excelentíssimo Sr. Prefeito,

Nós, discentes do Instituto Federal do Amazonas, enfrentamos graves problemas para o acesso ao Campus, devido às péssimas condições da Rua Santos Dumont. Esta via é uma das principais da cidade e, parte rafegar por ela. Logo, a pavimentação apropriada é uma necessidade, que trará comodidade e qualidade de vida à comunidade.

Como é do conhecimento de Vossa Excelência, todo cidadão tem direito de ir e vir. Porém, com a intrafegabilidade das ruas, há o impasse quanto à locomoção. Além disso, caso ocorra um acidente em que o indivíduo necessite de atendimento especializado, com extrema urgência, provavelmente a pessoa vai a óbito, visto que a ambulância da unidade de Pronto Atendimento talvez não consiga chegar a tempo. Portanto, a pavimentação da Rua Santos Dumont deve ser realizada o mais rápido possível, para, assim, garantir o direito à liberdade e à saúde.

Segundo entrevistas feitas por nós alunos do Campus, muitos discentes do Instituto sentem-se desmotivados a vir estudar, tendo em vista tantos obstáculos. Alguns de nós são dependentes do ônibus do IFAM para chegar ao campus. Contudo, a viatura, muitas vezes, deixa de funcionar por não conseguir transitar na via ou mesmo por estar estragada por causa dos buracos. Com isso, muitos de nós acabamos não comparecendo às aulas quando chove, uma vez que, torna-se quase impossível caminhar na área. Ademais, ainda temos de disputar lugar na rua com motos e carros, já que não há calçada. Assim, pavimentar a via deve ser um plano de urgência.

Alem de nós, discentes, há outro público que sofre com as péssimas condições do trajeto da Rua Santos Dumont, os idosos, os quais têm seu Centro para prática de atividades, localizado na via. Devido à idade de muitos deles e a dificuldade de locomoção, acabam desanimando; e, nós, alunos, também muitas vezes, não vamos à Instituição. Conseqüentemente, isso prejudica o bem-estar de todos. Além disso, temos o Centro Cultural Presidente Lula, que também está situado na mesma rua e sofre com a falta de pavimentação, pois recebe grande diversidade de pessoas, nos eventos do município. Isso porque, o pior trecho da via está na imediação do Centro Cultural. Como se pode perceber, a pavimentação correta da rua contribuirá para a maior qualidade de vida dos idosos, a execução dos eventos no município e a diminuição da evasão escolar dos alunos.

A alta pluviosidade existente na região gera malefícios para a área pavimentada. Segundo Walter Canales, engenheiro civil, em notícia sobre o papel das prefeituras em pavimentar as ruas, disponível no site G1, "é preciso ter um bom projeto de drenagem para assegurar a qualidade do projeto de pavimento". Então, é necessária uma boa drenagem, com galerias de água pluvial. Além da correta estruturação da via, é fundamental também utilizar a pavimentação adequada para o solo da região, no caso, o concreto, pois possui inúmeras vantagens em relação ao asfalto. Apesar de seu custo inicial ser maior, apresenta vários benefícios para a população: possui o dobro de vida útil, aproximadamente vinte anos, torna a condução de veículos mais segura, sua manutenção é barata e é indicado para todo tipo de terreno, além de suportar tráfego pesado. Com isso, sugerimos que a pavimentação da via seja feita com concreto para que o problema seja efetivamente solucionado.

Acreditamos, portanto, que a adoção dessa solução resolverá o problema permanentemente e entregará a seguridade e a tranquilidade, tão essenciais, a nós, alunos, aos moradores e a todos aqueles que necessitam trafegar pela Rua Santos Dumont.

Certos de sua atenção, agradecemos.

Discentes do IFAM – Campus Tabatinga

Óculos de leitura

Como **LER** o que **NÃO** está **ESCRITO**

Marcelino Freire

Marcelino Freire é autor de vários livros, entre eles *Acústico*, *Angu de sangue*, *Nossos ossos*, *Contos negreiros* e *Amar é crime*. Recebeu os prêmios Jabuti e Machado de Assis. É também criador da “Balada Literária”, evento anual que reúne escritores e artistas para debates sobre arte contemporânea. Em sua palestra no “Seminário Nacional Escrevendo o Futuro – Com a palavra o professor-autor”, o escritor Marcelino Freire nos conduziu pelos caminhos da leitura e da escrita. Compartilhamos com vocês alguns trechos dessa trajetória.





Foto Sérgio Carvalho

A infância e o sentir a poesia

Vou começar essa conversa a partir da minha trajetória como leitor e como escritor. Nasci em Sertânia, Pernambuco. Na época era difícil estudar em meu município, tínhamos que caminhar léguas para ir para a escola. Costumo dizer que nasci e escapei, porque de dez crianças que nasciam em Sertânia, só umas seis sobreviviam. Minha mãe teve catorze filhos, mas somente nove sobreviveram. Ela dizia: “Meu filho, meu filho, meu filho, meu filho, estude. Estude para ser gente”. E ser gente não é ser poeta. Nunca vi uma mãe criar um filho e falar assim: “Meu filho, quando você crescer eu quero que você seja poeta”. É sempre “Eu quero que você seja médico, engenheiro, advogado”, não é? Menos poeta. Não tiro a razão delas porque estão preocupadas com o futuro. O que tem um poeta para oferecer? Todo mundo sabe para que serve um médico. Um médico serve para salvar vidas; um advogado, para defender as causas perdidas; um engenheiro, para levantar prédio. Mas para que serve um poeta? Eu quis ser esse poeta.

Quando tinha 13 anos saímos de Sertânia e fomos para Paulo Afonso, na Bahia, para eu estudar. Lendo, me deparei com um poema do Manuel Bandeira. Parou na minha mão aquele poema chamado “O Bicho”. Vejam só, o que é que um menino vai entender de uma poesia? Primeiro, que a poesia não foi feita para entender,

foi feita para sentir. Não entendia tudo da poesia, mas alguma coisa eu sentia. Alguma coisa reverberou. Quando lemos uma poesia, ela não começa no momento em que vamos ler. O grande problema, cá para nós, é quando se quer que o aluno entenda a poesia. Os alunos e alunas, hoje em dia, leem poesia em sala de aula para fazer prova. A pergunta assustadora do aluno é: “O que o poeta quis dizer com isso?”. Veja bem, se nem o poeta sabe o que ele quis dizer, como um menino do 8º, ou do 5º ano, vai saber o que o poeta quis dizer? O poeta não quis dizer, ele quis sentir. É a partir do sentimento que pegamos o garoto pela mão.

O Manuel Bandeira pegou na minha mão. Não sabia que precisava tanto dele e de outros poetas. O poema “O Bicho” diz assim:

“[...]
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
[...]”

Estou lendo “O Bicho”: não sei o que é detrito, não sei o que é voracidade, mas senti alguma coisa. Estava esperando que o bicho fosse um cão – bicho para um menino é um cão, um gato. Detrito não podia ser coisa boa. Eu não sabia o que era voracidade. Observem o que o poeta faz, ele vai diminuindo a escala de valores, ele diz que este bicho não era um cão, nem um gato, nem um rato, e sim um homem. O homem é menor que todos eles, catando comida nos detritos, catando comida no lixo. Precisei do Manuel Bandeira para dizer isso para mim. Estava enxergando, via na rua da minha cidade, no bairro da minha cidade, no meu Estado, no meu país. Via esses homens catando comida no lixo, mas não enxergava, precisei do poeta para enxergar isso.

Fiquei louco pelo poeta Manuel Bandeira, porque se ele disse uma coisa que eu não sabia, ele tinha outras coisas para dizer. Então, fui atrás do Manuel Bandeira. A professora me vê, um menino, pedindo poesia. Ela me deu, então, uma antologia de bolso

do Manuel Bandeira. Peguei o livro do Bandeira e a primeira poesia dele é assim:

“Eu faço versos como quem chora
De desalento, de desencanto
[...]”

Sempre fui um menino melancólico e encontrei no Bandeira um companheiro para a minha tristeza. Não entendia tudo que ele estava falando, mas a minha tristeza entendia.

A terceira poesia que li na minha vida foi “Testamento”¹, também do Bandeira, em que ele faz um testamento falando o que vai deixar para as pessoas quando morrer. Não sabia nem o que era testamento, no sentido sobre o que implica um testamento, ou seja, um inventário. O poeta diz assim:

“O que não tenho e desejo
É o que melhor me enriquece”.

Eu desejava muita coisa porque não tinha nada. O poeta continua:

“Tive uns dinheiros – perdi-os...
Tive uns amores – esqueci-os.
[...]
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
[...]”

Que coisa linda é essa? Ia ficando embriagado por aquilo. Isso foi fundamental para eu escolher a “poesia”, queria ser um poeta, queria mexer com letra, com a palavra. É quando ele diz no mesmo poema:

“[...]
Sou poeta menor, perdoai!”

Eu sou poeta menor, tá me ouvindo? Perdoai! Desculpa, vai ser essa a minha missão, vão ter que me aguentar. Quando terminei isso, virei para a minha casa, olhei para o meu pai, e, em silêncio, eu dizia: “Eu sou poeta menor. Perdoai!”. Eu encontrei o meu lugar no mundo.

1. In: *Antologia poética – Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 126.

Leitor e escritor da casa

O primeiro lugar em que fui respeitado como escritor foi na minha casa. Por quê? “Esse menino é ruim de fazer feira, esse menino é ruim de educação física, mas escreve uma carta, que menino para escrever uma carta. Lê uma Bíblia que é uma coisa maravilhosa. Lê bula de remédio como ninguém.” Então eu era o grande leitor da casa, porque os meus irmãos não gostavam muito de ler. Aos 12 ou 13 anos, comecei a escrever cartas. Ia citando os poetas nas cartas, porque minha mãe só queria escrever uma carta que era para dar notícias aos compadres e às comadres que ela deixou em Sertânia. Ela dizia o que eu tinha que falar e eu escrevia a carta. Quando terminava de ler a carta, ela chorava, e eu dizia: “É isso que quero fazer, emocionar a minha mãe”. E assim fui escrevendo carta para o vizinho, carta para o pai. Era muita carta para fazer. Outra coisa que fazia era ler a Bíblia. Adorava a linguagem da Bíblia. Volto a dizer, lemos o que não está escrito. Não sabia o que estava acontecendo em Jerusalém, mas a linguagem poética me fascinava.

Escritores dizem coisas

Bandeira pegou na minha mão e me deixou na mão de Cecília Meireles, que me deixou na de Augusto dos Anjos, Mário de Andrade e Solano Trindade. Eles vão ajudando a suportar a vida e a entender coisas além daquilo que está escrito.

Um dos problemas da leitura de poesia é ter o excesso de solenidade ao ler uma poesia. Escritor não escreve com rimas, escreve com imãs. Imãs, sistema magnético, ritmo. Já dizia Graciliano Ramos: “A palavra *não foi feita* para enfeitar, brilhar *como* ouro falso; a palavra foi feita para dizer. Os poetas dizem coisas, mesmo o poeta que você considere mais hermético, mais difícil, ele está dizendo, sentindo”. Ah, não compreendo determinada palavra, vou atrás do dicionário, mas não é o dicionário que vai explicar a dor da poesia.

O poema “Versos íntimos”², de Augusto dos Anjos, inicia-se com a palavra “Vês!”. Vê se não é um amigo conversando como eu e tu numa mesa de bar. Presta atenção!

“Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera.
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende o teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!”

Em todo soneto, livro ou romance, existe um núcleo que chamo de núcleo emocional. Devemos procurar o núcleo emocional daquela escrita, não o entendimento em si. Qual é a palavra que é o núcleo desse poema que acabamos de ler, que todas as outras estão ao redor dela? É “Ingratidão”. Então quando eu for ler o poema, vou ter muito claro o núcleo emocional que tem esse rapaz que sofreu uma ingratidão, uma injustiça tremenda, e vou ler reforçando o núcleo emocional da ingratidão. Observe que a palavra ingratidão é a única que não tem similar sonoro dentro do soneto inteiro, ela fica puxando todas as outras palavras para o seu núcleo. Esse núcleo ajuda a compreensão emocional do poema.

Quando paramos para ler um Guimarães Rosa, não devemos ler o que ali está. Tenho até uma técnica que vou ensinar para vocês. Vai ficar fácil os meninos não terem tanta raiva do Guimarães Rosa. Tenho uma teoria de você pensar no pré-texto. O que é que tem antes do texto? Tem a vida do poeta, as dores do poeta. Quando lemos Manuel Bandeira,

por exemplo, vemos como a poesia dele já vem cheia de melancolia, de coisas que ele vem trazendo desde a infância, antes mesmo de nós a lermos. Voltando à Guimarães Rosa, ele é o tipo de escritor que fica falando com você, quer que você fique olhando para ele toda hora.

A história de “A terceira margem do rio”³ começa assim: “Nosso pai era um homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando eu indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, eu nem me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa”. O que ele vai fazer para que a mentira fique verdadeira? Ele vai construir a canoa! “Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve que ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em riço, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe” – olha só – “Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas?”. Ele, aquele traste quieto, não ajuda em nada, aquele silêncio absoluto, que agora vai inventar de caçar e de pescar? Ele vai falando, falando, e diz: “E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta”. Que coisa linda, resolveu fazer a canoa e em um parágrafo a canoa ficou pronta, e assim continuou. Você não larga o texto.

A leitura sempre me disse coisas que eu não sabia. Quem me levou, por exemplo, para conhecer Recife? Foi João Cabral de Melo Neto. Eu não conhecia os mangues. Para você ter uma ideia só soube mais da seca que minha família vivenciou por causa do Graciliano Ramos. Quando cheguei ao

2. In: Ítalo Moriconi (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 61.

3. In: João Guimarães Rosa. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. II, 2009, pp. 409-413.

romance *Vidas secas*, aquela família caminhando sem parar, fiquei tomado por aquilo. E eu era um desses retirantes, poderia ter ficado no sertão de lá. Identifiquei-me absolutamente com aquilo. A leitura tem esse poder de trazer vocabulário, trazer entrelinhas. Lembra-se daquele capítulo da injustiça do soldado amarelo, do Fabiano? Aquela leitura me falou tanta coisa que você não imagina. A morte da cachorra Baleia, a cumplicidade dos dois. É espantoso. O escritor nos ensina a ler os pensamentos.



Foto Sérgio Carvalho

A pulsação do texto

O leitor que vai ler o texto procurando pontuação não é um bom leitor, e o escritor que vai escrever procurando a pontuação também não é um bom escritor. O escritor e o leitor procuram uma pulsação do texto, não uma pontuação do texto. Eu amo gramática, adoro a gramática para criar a minha própria linguagem. É ótimo e lindo quando aprendemos onde estão as vírgulas e os pontos, mas quando vou escrever, se um texto pede velocidade, a vírgula pode atrapalhar, não é? Se o texto é um texto mais seco, ponto é ideal. Graciliano Ramos, escritor dos pontos, frases curtas, pontinhos. A pulsação do texto dele é aquela. O leitor tem de procurar a pulsação do texto. No 8º ano, aprendemos todas as pontuações, as conjunções, parágrafo. Chega o poeta e tira tudo do lugar.

Eu sempre falo que só existem dois gêneros: o humano e o desumano. Os escritores estão nesse gênero humano, mostrando as coisas que precisamos enxergar para sermos melhores cidadãos, melhores filhos e melhores brasileiros. A leitura é fundamental para nos dar suporte, para nos dar força, para nos dar armas. A literatura nos ajuda, nos conforta, nos acorda. Palavrarmos. É isso!

Indicações

Novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

Ao alcance dos olhos e ao pé do ouvido

Música



Caravanas
Artista: Chico Buarque
Gravadora: Biscoito Fino

Caravanas

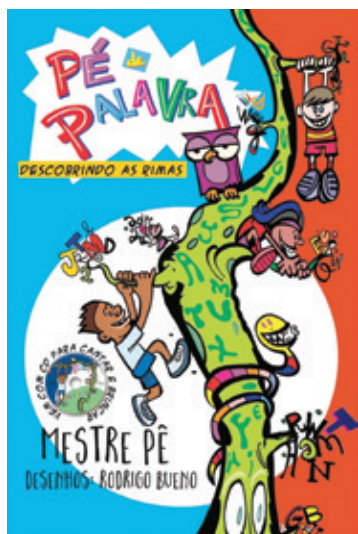
Chico Buarque retorna ao campo musical com seu novo álbum *Caravanas*, lançado pela gravadora Biscoito Fino. Marcadas pela imprensa especializada como um retrato vivo do Brasil, as letras das nove canções que compõem o disco têm um olhar crítico perante nossa sociedade. Com arranjos de Luiz Claudio Ramos, as músicas abordam temas como mídias sociais, homossexualismo, refugiados, relacionamento, política e futebol. Aliado ao humor, ironia, poesia e lirismo, singularidades tão características de Chico, *Caravanas* é um dos principais lançamentos na Música Popular Brasileira dos últimos anos.

Xenia

Após o lançamento de três álbuns com seu grupo Aláfia, todos aclamados pela crítica especializada, Xenia França lança seu primeiro disco solo. *Xenia* é um álbum contemporâneo tanto em sua temática quanto em sua forma: as letras que fletam sobre racismo e identidade mesclam-se com arranjos que dialogam com a música *pop*, eletrônica, *jazz* e *r&b* (gênero musical que combina elementos do *rhythm and blues*, *soul*, *funk*, *pop*, *hip-hop* e *dance*). Essa interação insere Xenia França em um dos pontos altos do que poderia ser chamado de "afro-pop", ou seja, uma música *pop* que flerta com a cultura africana e afro-brasileira. O álbum tem produção de Lourenço Rebetez e Pipo Pegoraro



Xenia
Artista: Xenia França
Gravadora: Independente



Pé de Palavra – Descobrindo as Rimas

Mestre Pê lança o livro *Pé de palavra*, contando a história de Paulinho, menino criativo e inteligente, mas que odeia fazer a lição de casa. Certo dia, Paulinho decide inventar sua própria lição e acaba se metendo em uma aventura incrível, repleta de palavras.

O livro dialoga com o mundo infantojuvenil por meio da poesia, de canções e de trava-línguas. As 32 páginas cheias de cores apresentam palavras com sons e grafias parecidas, que por vezes expressam coisas diferentes e criam situações cômicas e divertidas. Acompanha um CD de áudio, com músicas para cantar e se divertir!

Pé de Palavra – Descobrindo as Rimas
 Autor: Mestre Pê
 Editora: LiteraRUA

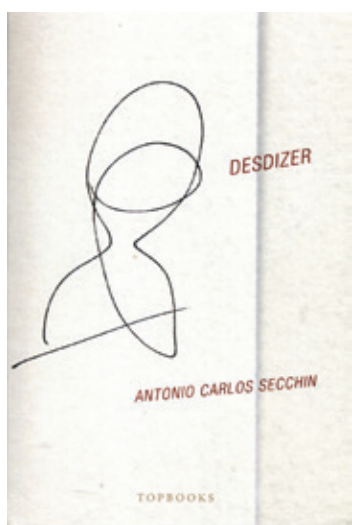
A noite da espera

Milton Hatoum retorna com o primeiro volume da trilogia “O lugar mais sombrio”, que busca vincular o drama familiar com o contexto da ditadura militar no Brasil. *A noite da espera* conta a história de Martim que, após uma traumática separação dos pais, muda-se para Brasília. Na nova cidade, Martim faz amizades ao mesmo tempo em que suas descobertas culturais e amorosas refletem sua infância e a ausência da mãe, tendo-se sempre como foco a violência dos anos de chumbo.

A noite da espera é uma análise do contexto político e histórico do Brasil nos anos 1960 e 1970. A ruptura familiar está como mote para adentrarmos nas verdadeiras contradições da sociedade brasileira.



A noite da espera
 Autor: Milton Hatoum
 Editora: Companhia das Letras



Desdizer
 Autor: Antonio Carlos Secchin
 Editora: Topbooks

Desdizer

Antonio Carlos Secchin, poeta, crítico literário, ensaísta e professor acadêmico, lança *Desdizer*, após um hiato de quinze anos sem publicar um livro de poesia, o poeta retorna repleto de diferentes formas poéticas, estilos e dicções. Essa diversidade encontrada no livro fomenta o objetivo de Secchin: buscar “desdizer” o próprio ofício e a voz do poeta.

Além disso, o livro está organizado com base em uma referência entre o que é propriamente prosaico e o que é vulgar. Surgem então elementos historicamente conhecidos como eloquentes – soneto ou versos decassílabos –, misturados, muitas vezes, com temáticas e elementos banais, construindo o estilo característico do autor.

Assim, *Desdizer* mostra que Antonio Carlos Secchin, autor de *Todos os ventos*, de 2002, ainda tem muito para nos falar.

Professor, mantenha-se informado!
Acesse o Portal
www.escrevendoofuturo.org.br

Parceria



Coordenação
Técnica



Iniciativa



Ministério da
Educação